

# Abaixo o cinema *chapa branca*

O veneno de Ivan *Escorpião* Cardoso contra a cineburocracia da estética intelectualóide

SEVERINO FRANCISCO

**É** cobra engolindo cobra. Depois das múmias e das vampiras, o cineasta Ivan Cardoso trouxe a Brasília o *Escorpião Escarlate*, numa homenagem aos velhos seriados televisivos e às radio-novelas, povoada por toda uma fauna de vilões na trilha de um poderoso chefe. O filme dá seqüência a *O Segredo da Múmia* e *As Sete Vampiras*, filmes onde Ivan trabalha com o que chamou de *terror*, mixagem de humor e terror, riso e terror. A idéia do filme nasceu de uma sugestão do quadrinista e roteirista R.F. Luchetti.

Se o cinema brasileiro evoluiu muito no aspecto técnico, nos últimos tempos, o mesmo não se pode dizer dos aspectos da linguagem, do roteiro, da direção de atores. Ivan Cardoso diz que isto ocorre em razão da imensa pretensão de intelectualidade dos colegas que atuam no cinema: "É preciso perceber que o diretor é um maestro. O cinema é uma soma de todas as artes. Por se julgarem artistas, estas pessoas têm a pretensão de trazer grandes obras literárias ou temas históricos para o cinema, o que aliás tem resultado em filmes *chapa branca*".

Ivan diz que escapou da carga de pretensão intelectual inadequada ao mídia-cinema porque começou como fotógrafo: "Por isto eu vejo a coisa por outra vertente. Eu procurei o Luchetti, que vem da história em quadrinhos, uma linguagem acessível tanto a uma criança quanto às exigências da intelectualidade. A magia do cinema está na cenografia, nos figurinos, nas trucagens, coisas que infelizmente não foram desenvolvidas. Para fazer o *Escorpião Escarlate* eu contratei Jean Carlo Bastioni, um dos maiores especialistas em dublê, que trabalhou 30 anos na Cinecittá. Eu acho também que se veste muito uma camisa de força do nacionalismo. Só se pode trabalhar com gente daqui. Ora, arte é universal. O cinema brasileiro precisa evoluir".

"A linguagem do cinema brasileiro está muito atrasada" — diz Ivan Cardoso. "As últimas décadas foram dominadas por um tipo de filme que consumia fábulas e não espectadores. O cinema brasileiro não deve ter medo de ser forte. É como diz o Décio Pignatari: precisamos deixar de pescar com rede de corda, daquelas que apareciam nas capas da revista *Civilização Brasileira*. Temos de pescar com rede de nylon".

Na era Collor o mercado surge como utopia e panacéia para todos os males, inclusive os da cultura. Até que ponto uma adesão ufanista ao mercado não significa uma adesão à mediocridade é uma questão a ser enfrentada pelos que produzem cultura: "Eu acho fundamental a intervenção do Estado, mas não nos termos em que ela se dava na extinta Embrafilme" — comenta Ivan Cardoso. "Se só existir o espaço do mercado como existe hoje no Brasil só vai dar Xuxa e Trapalhões. Eu acho que posso falar de cadeira porque desde 82 eu dou exemplos de filmes que se pagam e ainda produzem lucro. Existe defasagem no Brasil em relação ao mercado da cultura. Nos Estados Unidos, um filme de Coppola é visto por milhares de pessoas. Nós estamos vivendo em uma era posterior ao pós-moderno, mas o cinema brasileiro ainda está atrasado, ainda está parado na incompetência. Eu acho que é possível fazer obras de arte que sejam também viáveis dentro do mercado. Não existem mais artistas incompreendidos. Como dizia o *Oscarito*: filme que não é aceito, tem algum defeito".

Ganhar prêmio em festival é a oportunidade de ter mídia de graça. E especialmente no Festival de Brasília — diz Ivan: "Em nenhum outro festival existe uma cobertura tão ampla quanto a que ocorre aqui em Brasília. É um festival que permite a divulgação e a circulação das idéias. E, neste sentido, ele ainda é o mais importante do País".

No final da tarde de ontem, Ivan Cardoso informava que o deputado federal eleito, Paulo Octávio, acertara uma exibição especial de *Escorpião Escarlate* para o presidente Collor, no próximo domingo.



Valdir Messias

O *Escorpião Escarlate*, um dos destaques do Festival que acabou já na madrugada de hoje: sessão privê na Casa da Dinda